

Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática

Rita de Cássia Evangelista dos Santos*
Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti**

Resumo: O artigo analisou o uso de linguagens alternativas (TV/vídeo, fotografia, charge/cartum/histórias em quadrinhos e teatro/dramatização e a música) como subsídio às aulas de Geografia em uma escola estadual de Itabuna-BA. Foi constatado, através de questionários, que a maioria dos alunos gosta de participar de aulas em que o professor utiliza diferentes linguagens, pois, segundo eles, as aulas se tornam mais dinâmicas e agradáveis. A professora das turmas pesquisadas relatou através de entrevista, que utiliza a maioria das linguagens alternativas supracitadas de forma esporádica, mas que os alunos participam mais das aulas quando ela utiliza diferentes metodologias em suas aulas.

*Licenciada em Geografia e aluna do curso de Especialização em Ensino de Geografia na Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC.

**Doutora em Geografia pela UNESP/IGCE/Rio Claro-SP e Professora Assistente do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC - Orientadora.

An investigation on the use of other languages in the teaching of Geography: a theory and practice interface

Palavras-chave: Linguagens alternativas; Ensino-aprendizagem de Geografia; Recursos didáticos.

Key-words: Alternatives languages; Teaching- learning of Geography; Didactics resources.

Abstract: This article analyzed the use of alternative languages (TV, video, photography, cartoons, dramatic art, tales for kids and music) as subsidy to Geography classes in a public school in Itabuna-BA. It was verified by a survey, that most of students prefer to participate in classes when the teacher applies different languages, according to them, this kind of classes become more pleasant and dynamic. The teacher of the analyzed classes reported through interview that most of alternative languages are not used regularly. Nevertheless, she admitted, that students participate more in her classes when different technologies are applied.

Introdução

³ Preferimos não utilizar o nome da escola em que foi realizada essa pesquisa.

Um dos grandes problemas enfrentados pela escola pública brasileira atualmente é a falta de motivação dos alunos em relação às aulas. Os alunos vivem em um mundo de complexas transformações socioeconômicas, tecnológicas, políticas, e vão para a sala de aula cheios dessas expectativas e agitações. Por outro lado, nem sempre encontram na escola um ambiente agradável e motivador. Nas palavras de Lara (2003, p. 30), “a escola liga-se, pois, a disciplina, silêncio, estudo. Estudo em latim significa esforço. E aqui já começa o perigo dos alunos não se sentirem tão eufóricos”.

Segundo Assman (1998), o ambiente pedagógico tem de ser lugar de fascinação e inventividade. Não inibir, mas propiciar uma dose de entusiasmo requerida para que o processo de aprender aconteça como uma mistura de todos os sentidos. Uma reviravolta dos sentidos (significados e potenciamento de todos os sentidos com os quais sensoriamos corporalmente o mundo), porque aprendizagem é, antes de mais nada, um processo corporal. Todo o conhecimento tem uma inscrição corporal e, por isso, deve ser acompanhada pela sensação de prazer.

Nas escolas brasileiras, “o ensino de Geografia mantém, ainda, uma prática tradicional, tanto no ensino fundamental quanto no médio. Para a maioria dos alunos, a aprendizagem da Geografia na escola se reduz somente à memorização, sem fazer referência às experiências sócio-espaciais” (BOMFIM, 2006, p. 107).

Para a construção do conhecimento, é necessária uma relação do sujeito aprendente com o seu objeto de conhecimento e, nesse sentido os professores devem ser os mediadores da aprendizagem. Não existem mais espaços para aulas centradas apenas no quadro-negro (ou branco) e no livro didático. Os professores devem lançar mão de outras ferramentas pedagógicas para tornar o ensino mais atraente e prazeroso e relacioná-lo ao dia-a-dia dos alunos. Assim, a utilização de recursos didático-pedagógicos alternativos, como as atividades lúdicas, constituem-se numa poderosa ferramenta, que permite trabalhar os conteúdos geográficos de modo crítico e criativo.

Atualmente, o acesso às várias mídias está se democratizando. Os professores não são à única fonte de informações que a maioria dos alunos tem acesso. Estes querem e buscam formas de conhecimento motivadoras e instigantes, enquanto aqueles necessitam se adequar às novas exigências desses novos alunos. Isso não significa dizer que os professores não são mais necessários, e sim, o que não se faz necessária é a mera memorização de conteúdos, sem relevância para a vida dos alunos. Os professores do século XXI, necessitam utilizar as várias mídias a favor do seu fazer pedagógico e, assim, a favor dos seus alunos e da sociedade em geral.

Nesse sentido, a presente proposta de trabalho tem como foco principal saber como os recursos didático-pedagógicos alternativos como a música, o teatro/dramatização, os quadrinhos/charge/cartum, a TV/vídeo e a fotografia estão sendo utilizados no ensino de Geografia, em uma escola estadual de Itabuna-BA³, a fim de torná-lo mais agradável e prazeroso.

A atividade lúdica tornou-se um importante recurso didático-pedagógico nas práticas de ensino, especialmente quando utilizadas a partir de uma abordagem do cotidiano. Essa temática faz parte do conhecimento da área de Geografia e educação, a qual busca reforçar também o uso da letra de música como recurso didático para as aulas desta disciplina.

Segundo Costa (2002)

Uma das vantagens de se utilizar a música na Geografia se afirma na pluralidade de assuntos abordados por esta ciência. Violência, guerras, conflitos raciais, fome, falta de infra-estrutura nas cidades, belezas naturais, como também degradação ao meio ambiente, fazem parte dos temas abordados por muitos compositores...

A fotografia torna-se também uma poderosa ferramenta de auxílio no ensino de Geografia, pois é de fácil manuseio e obtenção. Com ela, podemos trabalhar temas e conceitos importantíssimos para a nossa disciplina como a paisagem, o território e o espaço geográfico – e suas dinâmicas. “A Geografia, auxiliada pela arte de fotografar pode nos indicar de que maneira podemos olhar a paisagem e levar o aluno a desbravar o mundo além da sala de aula” (TRAVASSOS, 2001, p. 01).

O teatro na escola é um instrumento importante para o desenvolvimento pessoal, para a formação do caráter e para a construção de cidadania. O prazer na aprendizagem é um elemento fundamental no processo da construção do conhecimento. É aliando este prazer que o teatro torna-se uma ferramenta pedagógica de grande valor. O teatro é também uma linguagem interdisciplinar, que possibilita trabalhar diferentes temas para diferentes públicos.

Para Torres (2007, p. 40),

A dramatização consiste em uma montagem teatral simples, o que facilita sua aplicação em sala de aula. Seu uso como ferramenta didática para o ensino apresenta-se como uma estratégia alternativa que auxilia as práticas escolares. Dramatizar o ensino de História e Geografia facilita o aprofundamento dos temas discutidos em sala, criando possibilidades para os professores adaptarem os conteúdos científicos à realidade e à linguagem do cotidiano dos alunos, estabelecendo maior dinamicidade ao processo de ensino e de aprendizagem.

Os quadrinhos também podem contribuir bastante para o ensino-aprendizagem de Geografia, pois possuem uma linguagem clara e objetiva, além de utilizar a linguagem gráfica, que torna o entendimento mais fácil, rápido e prazeroso. Além disso,

O cartum, a charge e os quadrinhos retratam muitas situações, que podem ser analisadas em várias escalas (local, regional, nacional ou mundial). Notamos que a maioria dos alunos gosta desse tipo de recurso didático, quando usado de forma complementar aos conteúdos estudados. Motiva a discussão e reflexão, tornando a aula mais receptiva e agradável (SILVA, 2007, p. 42).

Em uma sociedade como a nossa, em que a mídia televisiva está presente em quase todos os lares, é imprescindível a utilização da TV/ vídeo como um recurso alternativo para as aulas de Geografia (ou outra disciplina). Essa mídia está encarregada de diariamente nos ofertar uma grande quantidade de informações. Sabemos que a informação é libertadora, mas por outro lado, se não filtrarmos e analisarmos criticamente essas informações, elas podem nos levar à alienação. Nesse aspecto, ao professor recai a importante tarefa de auxiliar os alunos a administrarem melhor as notícias veiculadas diariamente, pois “a escola pode e deve aprender muita coisa com a mídia, e usá-la como parte constituinte da construção do conhecimento, e não apenas de forma instrumental e adicional” (ASSMANN, 1998, p. 233). É uma boa oportunidade também para ajudar os alunos a perceberem que a Geografia está em toda parte e não apenas

em sala de aula. Além disso, a TV/ vídeo pode ser utilizada para a discussão de filmes e documentários, que podem enriquecer bastante o ensino dessa disciplina.

Assim, achamos pertinente um estudo sobre o uso dessas linguagens no ensino de Geografia, e seus benefícios para uma educação mais crítica, dinâmica e prazerosa.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa foi realizada por meio de aplicação de questionários e entrevista. A escola foi escolhida aleatoriamente e trabalhamos com as três turmas do 2º ano do Ensino Médio do turno matutino. Aplicamos questionários com questões abertas e fechadas aos 87 alunos pertencentes a essas turmas e que estavam presentes no dia da coleta de dados. Nesses questionários fizemos perguntas referentes à Geografia e ao ensino desta disciplina, bem como o uso de linguagens alternativas como auxílio às aulas. Em seguida, entrevistamos a professora de Geografia das turmas. A entrevista aconteceu por meio de algumas questões semi-estruturadas a respeito da Geografia e do ensino desta disciplina. Após a coleta de dados foi feita a análise e discussão dos mesmos em gabinete.

O pensamento dos alunos sobre a Geografia e o ensino desta disciplina

O Ensino Médio constitui a última etapa da educação básica. É, portanto, uma etapa de aprofundamento e revisão dos conteúdos trabalhados no Ensino Fundamental. Para muitos alunos é, também, uma fase de preparação para ter acesso a uma das disputadas vagas nas Universidades e, para tantos outros, é a fase final da sua educação formal. Nesse sentido, aos professores encarregados de trabalhar com esse nível de ensino, recai uma grande responsabilidade quanto à condução das suas respectivas disciplinas escolares.

Como a Geografia tem sido vista por muitos alunos como uma disciplina enfadonha, desconectada da realidade e que exige muita memorização de conteúdos, iniciamos nossa pesquisa averiguando a visão dos alunos sobre esta disciplina, como pode ser observado na figura 1.

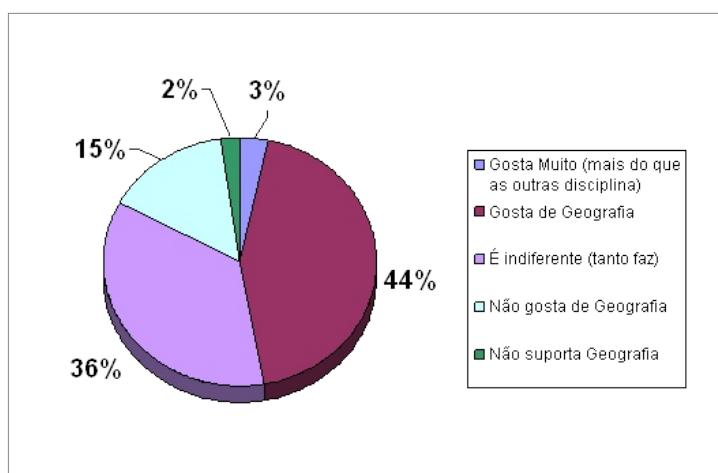


Figura 1- Sentimentos dos alunos pesquisados pela disciplina de Geografia em uma escola estadual de Itabuna-BA, 2010.

Fonte: Pesquisa de campo, agosto de 2010.

O questionamento feito aos alunos sobre o sentimento pela Geografia, ajudou-nos a perceber se havia ou não entre os alunos uma predisposição/afetividade em relação à nossa disciplina.

Observamos que boa parte dos 87 alunos (44%) envolvidos na pesquisa gosta de Geografia. Observando que 36% deles se mostraram indiferentes e que apenas 3% detestam essa disciplina, conclui-se que a maioria dos alunos pesquisados gosta de Geografia, o que nos remete a um pequeno conforto inicial. Conforto aqui, não deve ser confundido com satisfação completa, o que pode nos levar à acomodação, pois “sem reflexão mais sistematizada, nossa experiência profissional vira rotina e repetição. E o que é pior: entrave para a mudança” (KAERCHER 2003, p. 183).

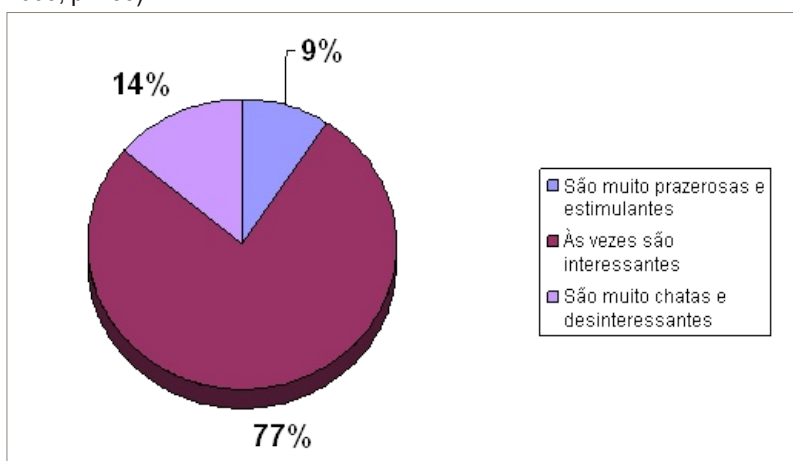


Figura 2 - Os sentimentos dos alunos pesquisados sobre as aulas de Geografia em uma escola estadual de Itabuna-BA, 2010.

Fonte: Pesquisa de campo, agosto de 2010.

Em relação às aulas de Geografia, observamos na figura 2 que um grande percentual de alunos respondeu que às vezes elas são interessantes, totalizando 77%, enquanto para 9% dos alunos elas são muito prazerosas e para 14% são muito chatas e desinteressantes.

Ao responderem que as aulas de Geografia “às vezes são interessantes”, os alunos deixam uma pista, um alerta de que “às vezes” conduzimos bem as nossas aulas e “às vezes” não. Como não temos uma receita pronta de como conduzir bem as nossas aulas, e como nosso público não é homogêneo, precisamos utilizar diferentes metodologias e recursos didáticos e, ainda refletir constantemente nossa prática pedagógica, a fim de identificar nossos erros e acertos em busca de um ensino que conduza à crítica e à reflexão da realidade, em que os alunos estão inseridos. Para Vesentini (2005, p. 178-179),

(...) só a prática docente nas salas de aulas - e também fora delas - é que irá engendrar uma geografia escolar crítica, voltada a contribuir para a formação de cidadãos plenos. E tal tarefa é ininterrupta, o que vale dizer que não se deve encontrar uma receita, um modelo acabado para ser constantemente reproduzido, mas sim que o buscar deve ser uma meta sem fim, que o renovar e sempre experimentar novas atividades e conteúdos é condição sine qua non para um ensino que não sirva às relações de dominação.

Uma questão que nos chama a atenção enquanto professores de Geografia - e que muitas vezes nos incomoda e angustia - diz respeito aos conteúdos dessa disciplina. Não há como esquecermos das duras críticas sofridas pela Geografia Tradicional, quanto ao elenco de seus

conteúdos e da pouca ou nenhuma relação entre eles. A descrição do quadro físico/natural, seguido de dados sobre população, agropecuária, urbanização, dados econômicos... sempre foi o alvo das críticas recebidas por essa disciplina (sempre foi ou devemos conjugar o verbo no presente?). Mas, é preciso reconhecer que nos últimos anos engendram-se propostas de mudanças, que visam dinamizar o ensino de Geografia a partir da seleção de conteúdos que tenham maior significado para os alunos, bem como novas propostas metodológicas à disposição dos professores.

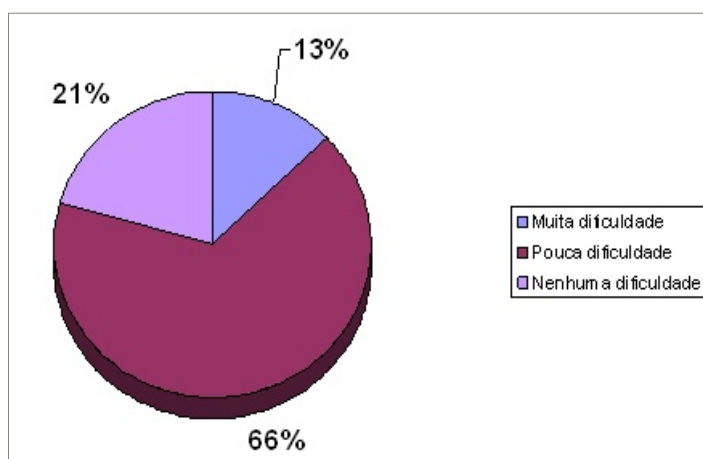


Figura 3 - Dificuldade dos alunos pesquisados em absorver os conteúdos trabalhados em Geografia, em uma escola estadual de Itabuna-BA, 2010.
Fonte: Pesquisa de campo, agosto de 2010.

Quanto à dificuldade em absorver os conteúdos trabalhados em Geografia, a figura 3 demonstra que a maioria dos alunos afirmou possuir pouca dificuldade, representando 66%, enquanto 21% não possuem nenhuma dificuldade e 13% possuem muita dificuldade.

Como já constatamos, a maior parte dos alunos gosta de Geografia e isso associado a uma boa prática pedagógica, pode conduzir a uma redução da dificuldade de aprendizado dos conteúdos pelos alunos. Para Puntel (2007, p. 89):

Como educadores, podemos estimular, motivar, convencer os nossos alunos de que aprender é tão necessário quanto nutrir-se. No momento em que isso se tornar um hábito, a cada dia existirá a expectativa de descobrir e de se sentir renovado com o novo, tarefa difícil que deve ser revigorada frequentemente por todos os educadores.

Sabemos também que quando uma disciplina faz sentido para a vida dos alunos ela pode ser melhor compreendida por eles, havendo assim um aprendizado mais significativo e duradouro pois, segundo Moran (2006, p. 22):

Aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando-o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido. Aprendemos quando descobrimos novas dimensões de significação que antes se nos escapavam, quando vamos ampliando o círculo de compreensão do que nos rodeia, quando como numa cebola, vamos descascando novas camadas que antes permaneciam ocultas à nossa percepção, o que nos faz perceber de uma outra forma. Aprendemos mais quando estabelecemos pontes entre a reflexão e a ação, entre a

experiência e a conceituação, entre a teoria e a prática; quando ambas se alimentam mutuamente.

Aprendemos quando equilibramos e integramos o sensorial, o racional, o emocional, o ético, o pessoal e o social.

Aprendemos pelo prazer, porque gostamos de um assunto, de uma mídia, de uma pessoa. O jogo, o ambiente agradável, o estímulo positivo podem facilitar a aprendizagem.

Aprendemos mais, quando conseguimos juntar todos os fatores: temos interesse, motivação clara; desenvolvemos hábitos que facilitam o processo de aprendizagem; e sentimos prazer no que estudamos e na forma de fazê-lo.

Muitas vezes nossos alunos não se sentem estimulados a aprender e as dificuldades tendem a aumentar, pois,

Aprender é um ato lento, é uma busca constante. Toda aprendizagem tem um gosto, um sabor e um saber. E nem sempre o gosto e o sabor são deliciosos, pois o processo de aprendizagem, muitas vezes, é doloroso; porém a satisfação se concretiza quando o saber se efetiva. Às vezes, o caminho é lento e “pedregoso” (PUNTEL, 2007, p. 89).

Nesse processo lento e nessa busca constante, muitas marcas vão ficando, algumas boas e outras não tão boas. Mas, o certo é que como professores temos o poder de deixar marcas, e devemos ter o compromisso de subtrair as marcas ruins e multiplicar as boas, entendendo nossos alunos como partícipes da (re)construção do espaço geográfico e motivando-os na busca do conhecimento.

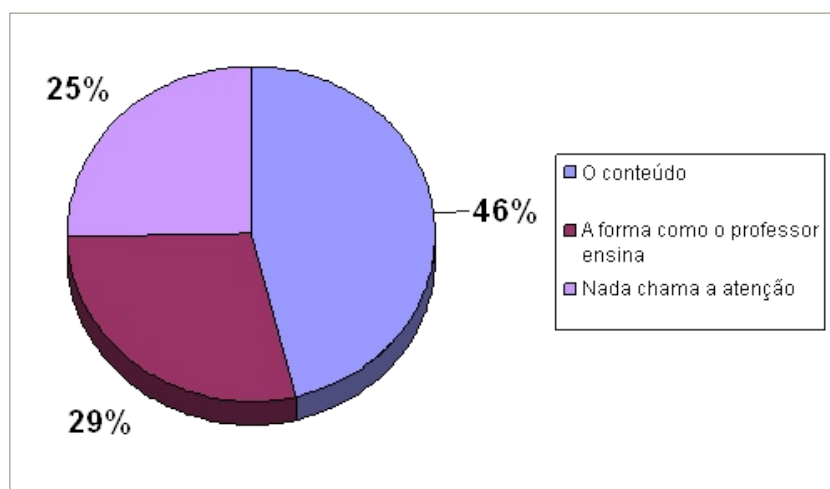


Figura 4 - o que mais chama a atenção dos alunos pesquisados durante as aulas de Geografia, em uma escola estadual de Itabuna-BA, 2010.

Fonte: Pesquisa de campo, agosto de 2010.

Perguntamos também aos alunos o que chama a atenção deles durante as aulas de Geografia. Apesar de identificarmos inicialmente que a maioria deles gosta dessa disciplina, percebemos que para 25% deles não há nada que chame a atenção.

Questiona-se: por que isso está acontecendo? O que se pode fazer? Como atrair a atenção dos nossos alunos? Sabemos que, enquanto professores, grandes desafios nos são colocados todos os dias, e podemos traçar duas alternativas: ficarmos indiferentes (como uma rota de fuga) ou nos envolver e tentar encontrar alternativas de mudanças.

As diversas linguagens do ensino-aprendizagem de Geografia

Vivemos em uma sociedade de profundas e rápidas transformações. A Geografia que se ocupa da análise e da compreensão do espaço geográfico, que por sua vez, é (re)criado a partir das relações humanas sobre a natureza, não deve ser ensinada/aprendida de forma inerte.

No mundo atual, veloz, complexo e globalizado a Geografia constitui-se numa ciência/disciplina importantíssima na compreensão das transformações que nos cercam. Micheletto (1997) citado por Straforini (2004) afirma que nesse período marcado pela técnica, ciência e informação é muito mais necessário aprender Geografia para compreender o mundo em que vivemos.

Mas, se por um lado é muito importante aprender Geografia para compreender o mundo em que vive, por outro, o aluno necessita de uma grande dose de motivação para que essa aprendizagem realmente aconteça.

Segundo Moran (2006, p. 11) “muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais, e tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas”. Então, o que podemos fazer para mudar essa realidade? Com certeza não existe um pacote pronto de ideias e ações que nos forneça uma resposta a essa pergunta, mas temos a certeza de algo necessita ser feito.

Trabalhar com diferentes linguagens no ensino de Geografia pode ser uma tentativa de início de mudança. Mesmo sabendo que os problemas enfrentados pela educação brasileira atualmente não estão centrados apenas na qualidade das aulas (seja qual for a disciplina), é necessário que tomemos alguma atitude.

Muitas são as opções de linguagens que podem servir de subsídio aos professores e alunos no ensino-aprendizagem de Geografia. Sem a pretensão de fazer uma campanha contra o livro didático, sabemos que, apenas este, muitas vezes, não é suficiente para aulas criativas, prazerosas e com a efetiva participação do aluno. Faz-se necessário lançar mão de metodologias diversificadas para uma melhor apropriação do conhecimento pelos alunos, “porém, ter domínio da técnica é tão importante como possuir o domínio do conteúdo, das formas de avaliação e do uso dos recursos” (SILVA, 2004, p. 64).

Nesse sentido, também concordamos com Silva (2007, p. 42-43) quando afirma que:

Atualmente é indiscutível que a produção cultural seja um importante aliado do ensino escolar. Vários conteúdos da escola podem ser auxiliados com utilização de obras literárias, artes plásticas, canções, peças teatrais, imagens, gibis, dentre outros. Compreendemos, também, ser papel da escola estimular e socializar o conhecimento de várias formas de expressão cultural, orientando e fornecendo elementos para uma análise crítica da realidade.

Neste trabalho nos propomos a valorizar o uso da linguagem dos quadrinhos/charge/cartum; Tv/vídeo; música, fotografia e teatro/dramatização no ensino de Geografia. Nessa perspectiva, perguntamos aos alunos em qual(s) dessas linguagens/recursos eles já tinham participado em sala de aula. Como eram alunos do 2º ano do Ensino Médio, ou seja, estavam próximos de finalizar a educação básica, solicitamos que eles não respondessem atendo-se apenas ao ano da pesquisa, mas que recordassem, também, as aulas de professores anteriores. Isso se deve ao fato de termos clareza de que cada profissional utiliza diferentes metodologias, de acordo com seus posicionamentos políticos - pedagógicos e suas diferentes turmas.

Nesse questionamento, os alunos foram informados de que poderiam assinalar mais de uma alternativa, de acordo com as realidades vividas em sala de aula. As respostas foram agrupadas conforme a tabela 1.

Recursos Didáticos	Número de alunos que citaram
tv/vídeo	33
tv/vídeo; fotografia	23
tv/vídeo; fotografia; charge/quadrinho	5
tv/vídeo; teatro	2
fotografia	2
tv/vídeo; fotografia; música; teatro; charge/quadrinho	2
tv/vídeo; fotografia; música; charge/quadrinho	2
fotografia; charge/quadrinho	1
tv/vídeo; música	1
teatro	1
tv/vídeo; fotografia; teatro; charge/quadrinho	1
tv/vídeo; fotografia; música	1
tv/vídeo; charge/quadrinho	1
música	1
nenhum deles	11
TOTAL	87

Tabela 1 - Recursos didáticos utilizados em aulas de Geografia, citados pelos alunos pesquisados, 2010.
Fonte: Pesquisa de campo, agosto de 2010.

Podemos perceber que 33 alunos citaram a tv/vídeo como auxílio às aulas de Geografia. Esse recurso tem ganhado espaço entre os professores e está cada vez mais presente nas salas de aula das escolas brasileiras, pois permite que o professor trabalhe com filmes/documentários e também exponha gráficos, tabelas e figuras em geral.

Fizemos o mesmo questionamento à professora das turmas pesquisadas e ela nos contou que dos recursos que estamos trabalhando, apenas do Teatro/dramatização ela nunca fez uso.

A análise do espaço geográfico nos remete à ideia de movimento. O movimento da sociedade agindo sobre este espaço e condicionando-o. Na busca por uma aprendizagem mais significativa e crítica, contextualizada com a realidade dos alunos, lançamos mão também de recursos audiovisuais, que favorecem a participação dos alunos e motiva-os. Essa é uma metodologia que invoca diversos aspectos do processo de aprendizagem: o lúdico, a alegria e prazer.

A utilização de filmes/documentários em sala de aula, entretanto, não pode ser feita de forma aleatória e sem relação com um determinado assunto, assim como não deve corresponder a um “descanso” dos professores e uma sessão de cinema para os alunos. É uma atividade que demanda planejamento. Esse planejamento requer que os professores assistam ao vídeo antes de trabalhá-lo com os alunos, selecionem as partes mais interessantes para o tema trabalhado (principalmente no caso de filmes) e observem se o conteúdo é adequado para a faixa etária do público alvo. Para Cavalcante (2008, p. 2),

O importante no uso de filmes em sala de aula – seja um documentário ou uma ficção, seja um longa ou curta-metragem – é ter muito claro o que queremos com a apresentação do filme, que função ele terá na aula. Algumas coisas óbvias devem ser ditas: o professor nunca deve exibir filmes que não o tenha assistido, mesmo quando é uma sugestão dos alunos – pode-se correr o risco de mostrar alguma coisa não adequada.

A professora das turmas pesquisadas informou-nos que utiliza a TV/vídeo para reproduzir filmes e que propõe discussões sobre os mesmos em sala de aula. No entanto, ela não nos detalhou de que maneira planeja e organiza a utilização desses filmes.

Outro recurso que foi bastante citado pelos alunos foi a fotografia. Entendemos que o uso da fotografia, também, pode ser muito útil no ensino-aprendizagem de Geografia, já que pode ser uma poderosa ferramenta de “materialização” de lugares nunca visitados por alguns. Além disso, muitos temas trabalhados nessa disciplina necessitam de visualização como, por exemplo, o estudo da paisagem e do espaço geográfico. Podemos comparar as transformações ocorridas no espaço urbano da cidade, em que moram os alunos, através de fotografias de diferentes momentos da história, identificando os agentes que atuaram/atua naquele espaço, de acordo com suas necessidades e interesses.

E é justamente nesse sentido que a professora entrevistada declarou que utiliza a fotografia para fazer comparações temporais entre as paisagens. Embora sabemos que muitas outras atividades podem ser desenvolvidas utilizando-se de criatividade no despertar do senso crítico.

Utilizando-se da fotografia como recurso pedagógico, os professores podem orientar “o indivíduo na expressão de suas potencialidades, conjugando uma série de atividades para desenvolver no educando sua capacidade crítica” (Machado citado por Travassos, 2001, p. 2), levando o estudo da Geografia à uma atividade prazerosa e reflexiva, a respeito da sociedade em que estamos inseridos.

A partir da percepção que os alunos têm do meio em que vivem, é possível que o currículo da Geografia possa ser trabalhado de uma forma dialogada e interativa, caracterizada por uma constante troca de experiências, permitindo que os limites da escola possam ser extrapolados e que nossos alunos se tornem atores bio-psico-sociais capazes de adquirirem uma postura crítica em relação aos fatores naturais, científicos e sociais (TRAVASSOS, 2001, p. 2).

Os alunos necessitam aprender a ler imagens, pois estão habituados a ler somente palavras, não tendo o hábito de ler/interpretar/analisar o que está “escrito” em uma imagem. Kenski (2005) citado por Silva (2007, p. 43) alerta que “na verdade somos todos da geração alfabética – da aprendizagem por meio do texto escrito, da leitura do artigo. Somos analfabetos para a leitura das imagens, dos sons”. O contato com outras formas de ler o mundo pode ser um elemento instigador e motivador, que muitas vezes, falta tanto nos professores quanto nos alunos.

A charge/cartum/história em quadrinhos foi pouco mencionada na pesquisa. Apesar disso, não podemos descartar a sua importância no ensino-aprendizagem de Geografia.

Não temos muita preocupação em distinguir nesta pesquisa precisamente charge, cartum e histórias em quadrinhos, já que muitos autores afirmam que “não é fácil estabelecer uma diferença definitiva entre essas formas de arte” (Moretti citado por Silva, 2007). Nossa intenção principal é demonstrar as possibilidades pedagógicas dessas linguagens no ensino de Geografia.

Em nossa pesquisa, verificamos a partir da entrevista junto a professora de Geografia dos 2º anos do Ensino Médio que a Charge/Cartum/ Quadrinhos é utilizada apenas quando aparece no livro didático, e de forma esporádica. É bem verdade que muitos livros didáticos atualmente vêm se utilizando de diferentes linguagens para melhor assimilação dos conteúdos pelos alunos. Mas, faz-se necessário afirmar que essa linguagem é de fácil obtenção, principalmente, com o advento das novas tecnologias da informação, cabendo aos professores buscar essa linguagem, extraindo suas potencialidades pedagógicas.

A utilização da charge/cartum/quadrinhos no ensino de Geografia pode ser uma tarefa muito prazerosa já que,

A charge se propõe a “brincar” com a realidade. Muitas charges contêm elementos diretamente interessantes para a análise de aspectos do espaço geográfico. O seu uso permite o desenvolvimento da percepção da ironia, visto que essa brincadeira com o real imprime ritmo ao entendimento do estudante sobre aquilo que está por trás da aparência. Além disso, o desenvolvimento do senso crítico é potencializado, pois o estudante parte de algo que interpreta o real, numa visão particular do mundo, a do chargista, podendo a partir dela produzir uma série de atividades, que vai da identificação do conteúdo da charge até sua reinvenção (SILVA, 2004, p. 77-78).

Esse “brincar” com a realidade não significa reduzir a seriedade do conteúdo trabalhado, mas representa uma forma mais agradável de compreender a realidade. Outro fator interessante é o desenvolvimento/ despertar do senso crítico nos alunos, aspecto de extrema importância na análise do espaço geográfico, além do fato de partirmos de uma realidade concreta e contextualizada na análise da charge.

Os alunos pesquisados, também, citaram a música como uma linguagem alternativa no ensino-aprendizagem de Geografia, assim como a professora das turmas pesquisadas, que mencionou trabalhar as letras de canções fazendo interpretações das mesmas junto aos alunos.

Entendemos que a música também se insere nessa busca pela dinamização do ensino-aprendizagem de Geografia, pois, dificilmente encontramos alguém que não goste de música. Desde criança ouvimos músicas de diferentes gêneros, e como vivemos em um mundo globalizado, por que não trabalhar com uma linguagem universal e que faz parte do nosso cotidiano?

Concordamos com Silva (2004, p. 85):

São muitos os assuntos da Geografia, principalmente os que tratam das “atualidades”, que podem ser abordados em músicas dos mais diversos compositores. Além disso, atitudes e valores devem ser trabalhados em letras criativas.

Ainda, seguindo essa linha de raciocínio:

Uma das vantagens de se utilizar a música na Geografia se afirma na pluralidade de assuntos abordados por esta ciência. Violência, guerras, conflitos raciais, fome, falta de infra-estrutura nas cidades, belezas naturais, como também degradação ao meio ambiente, fazem parte dos temas abordados por muitos compositores... (COSTA 2002, citado por PINHEIRO et al., 2004, p. 104).

A quantidade de temas possíveis de serem trabalhados com músicas e a riqueza musical brasileira nos permite um trabalho mais estimulante. A música é de fácil obtenção, além da boa aceitação e assimilação pelos estudantes. Assim,

Aliar essa facilidade de assimilação encontrada nos mais diversos gêneros musicais às propostas metodológicas e curriculares da Geografia pode gerar bons resultados. Dificilmente se encontrará algo mais atrativo, entre crianças e jovens, do que o compartilhar suas preferências, sua reprovação ou aprovação às obras musicais, com seus colegas e professores (OLIVEIRA et al., 2005 p. 74).

Nesse sentido a música pode ser utilizada para ilustrar/reforçar um conteúdo trabalhado ou iniciar uma discussão/debate a respeito de um tema a ser trabalhado, criando-se assim um ambiente mais descontraído, onde os alunos possam se sentir atraídos pela proposta dos professores, e mais seguros para expor suas ideias sobre assuntos geográficos que, muitas vezes, aparecem como um “peso” a ser carregado, tanto pelos alunos quanto pelos professores.

Quanto ao teatro/dramatização, observamos através da análise dos questionários, que ainda é pouco utilizado.

Devemos lembrar que quando utilizamos linguagens diferenciadas, que privilegiam o lúdico e a criatividade, temos mais chances de maior motivação por parte dos alunos. O uso do teatro/dramatização no ensino-aprendizagem de Geografia corresponde a uma metodologia diferenciada. Podemos trabalhar diversos temas através dessa linguagem e adequá-lo para os mais variados níveis de ensino, desde o Ensino Fundamental até o nível Superior. Tudo depende da criatividade dos professores e dos alunos envolvidos, já que essa linguagem não requer grandes custos financeiros e materiais, pois o conteúdo/ mensagem transmitido é o mais importante.

A intenção desse recurso didático não é elaborar grandes espetáculos e formar grandes atores, mas sim fazer da sala de aula um local de aprendizagem criativa e dinâmica, em que o conteúdo trabalhado possa ser assimilado de forma prazerosa e transformado em conhecimento. Além disso, “essa atividade é conhecida por desenvolver no educando, a capacidade de comunicação, de criação e de socialização de um saber” (SILVA, 2004, p. 84).

Ainda utilizando as ideias desse autor, notamos que:

Ao falar de dramatização, o educador pensa nos grandes espetáculos teatrais, esquecendo-se que é possível representar pequenos “dramas do dia-a-dia” dos estudantes, úteis ao entendimento de vários assuntos geográficos. Na Geografia peças podem ser montadas, focalizando temas como: as desigualdades sociais e o espaço geográfico; a população urbana e a população rural; as diversidades regionais; etc., o importante é que os temas estejam articulados com a realidade dos estudantes envolvidos (p. 85).

Ao participarem de uma peça teatral os alunos podem expressar suas experiências de vida para a formulação da história, abrindo-se a possibilidade de desenvolverem a percepção de que são sujeitos integrantes de um processo social (TORRES, 2007).

Quanto à frequência de utilização dessas linguagens alternativas, percebemos que ainda é muito baixa, como está mostrado na figura 5.

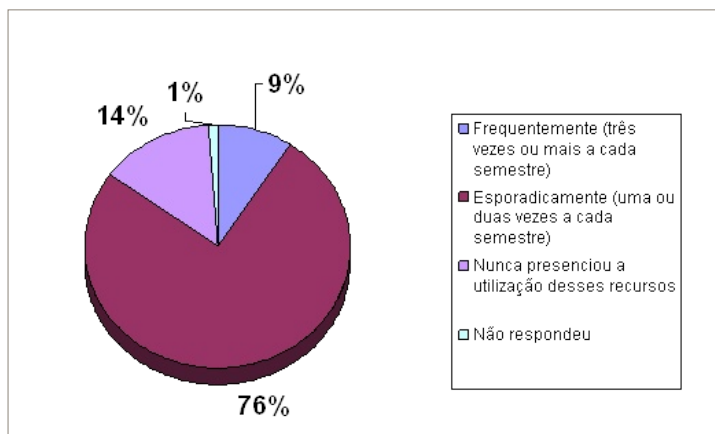


Figura 5 - Frequência de utilização das linguagens alternativas de que trata esta pesquisa nas aulas de Geografia em uma escola estadual em Itabuna-BA, 2010.
 Fonte: Pesquisa de campo, agosto de 2010.

As linguagens as quais tratamos nesta pesquisa são de fácil obtenção e manuseio, por isso não se explica a baixa frequência de utilização pelos professores dos alunos pesquisados. Segundo relato da professora das turmas pesquisadas, a utilização da TV pendrive é mais frequente, mas os outros recursos são utilizados de forma esporádica. Segundo a mesma, isso acontece por conta da falta de tempo para estudar e preparar as suas aulas, já que ela possui uma carga horária de 60 horas semanais em duas escolas e ainda faz um curso de Especialização. E infelizmente isso ainda é um aspecto que faz parte da realidade de muitos educadores no Brasil. Ela também reconhece que “parte da indisciplina dos alunos pode ser gerada pela própria forma de ministrar a aula”.

Diante das possibilidades de dinamizar o ensino-aprendizagem de Geografia, utilizando-se de diferentes linguagens, perguntamos aos alunos se eles achavam interessante a utilização desses recursos nas aulas de Geografia, como pode ser observado na figura a seguir.

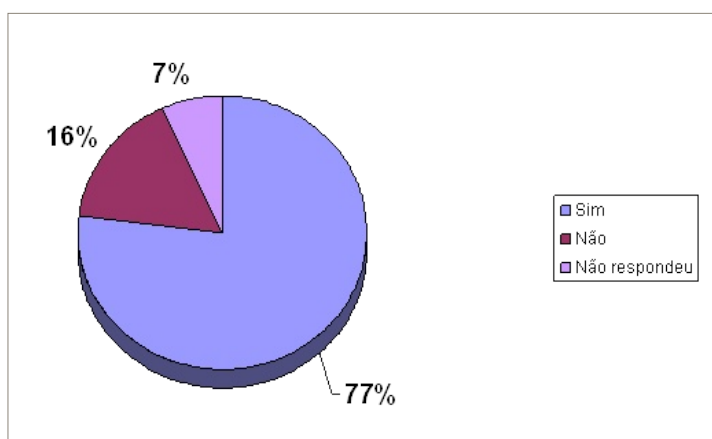


Figura 6 - Se os alunos pesquisados achavam interessante a utilização de linguagens alternativas nas aulas de Geografia em uma escola estadual de Itabuna-BA, 2010.
 Fonte: Pesquisa de campo, agosto 2010.

Percebe-se que a maioria respondeu que sim, representando 77% do total, 16% responderam que não achavam interessante e 7% não responderam.

Agrupamos as justificativas dos alunos que acham interessante o uso de linguagens alternativas no ensino de Geografia na lista a seguir:

- Sair da rotina/novas formas de estudar/aulas menos monótonas
 - Levam o aluno a se interessar mais pela aula
 - É mais fácil aprender
 - Os alunos são incluídos nas atividades/aula. Interação nas aulas
 - Dinamizam as aulas
 - Aulas mais prazerosas/estimulantes/divertidas
 - É uma forma diferente e interessante para ensinar
 - Prendem a atenção/assimilam melhor o conteúdo
 - Visualizam o espaço através das imagens
 - Novas formas de chamar a atenção dos alunos
 - Aprendemos mais com aulas divertidas
 - Apenas aulas expositivas é desinteressante
 - Ajudam no desempenho dos alunos
 - Mudar o estilo da aula é sempre bom
- Fonte: Pesquisa de campo, agosto 2010.

As respostas dadas pelos alunos sobre a utilização de linguagens alternativas nas aulas de Geografia, reforçam o que já escrevemos algumas vezes nesta pesquisa, a respeito da importância de se dinamizar o ensino dessa disciplina. Estamos inseridos em uma sociedade dinâmica e veloz. A educação como parte fundamental da formação de sujeitos que atuam sobre essa sociedade, não deve permanecer alheia a esse dinamismo.

Quanto aos alunos que afirmaram que não foi interessante a experiência com linguagens alternativas no ensino de Geografia, apenas um justificou sua resposta dizendo: “porque nenhuma aula é interessante, todas são chatas”.

Questionamos à professora, de que forma as linguagens alternativas auxiliam na aprendizagem dos alunos, e ela nos informou que estes “compreendem melhor o assunto, a aula fica mais dinâmica e aumenta o interesse deles pelo assunto”.

Por fim, perguntamos aos alunos se, na opinião deles, eles aprendem Geografia através da utilização dessas linguagens alternativas e as respostas estão agrupadas na figura 7.

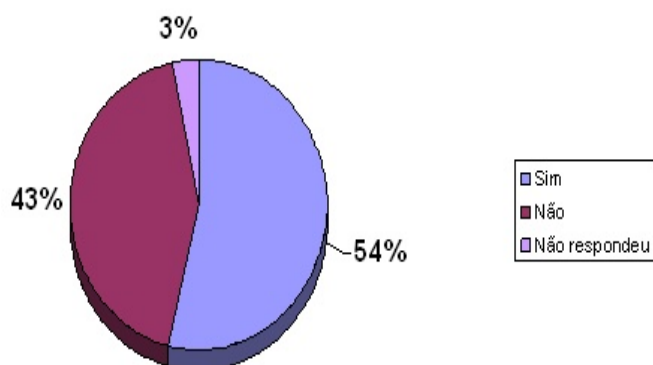


Figura 7 - Se os alunos pesquisados aprenderam Geografia através da utilização das linguagens alternativas de que trata essa pesquisa em uma escola estadual de Itabuna-BA, 2010.
Fonte: Pesquisa de campo, agosto de 2010.

Constata-se por meio da análise da figura acima que 54% responderam que sim, 43% disseram que não e 3% não responderam,

Percebemos que apesar do grande percentual de alunos que disse que acha interessante o uso dessas linguagens, muitos afirmaram que não aprendem Geografia quando os professores utilizaram alguma linguagem alternativa. Alguns justificaram essa resposta, afirmando: “foi muito pouco”, ou “porque dependendo de como forem utilizados esses recursos eu não consigo aprender” ou, ainda “ porque eu aprendi mais lendo. São poucas as vezes que passam vídeos”.

Confirmamos que o uso de linguagens alternativas no ensino de Geografia ainda é baixo, segundo os alunos pesquisados. Por isso, reafirmamos também a necessidade de domínio de diferentes linguagens por parte dos professores, saber o conteúdo apenas não é suficiente. É necessário buscar meios desse conteúdo ser aprendido, ou seja, transformar-se em conhecimento para os alunos.

Outros relatos nos chamaram a atenção, como um aluno disse que “ao nosso redor tudo é Geografia, não só apenas por livros, mas através das transformações que ocorrem”. Serão essas as transformações espaciais que tanto falamos em Geografia? E, como fazer com que outros alunos percebam que a Geografia não está apenas nas salas de aula ou nos livros? Como fazer com que esses alunos percebam essas transformações e como elas ocorrem? Na visão de Kaercher (1998, p. 129), “falta-nos desenvolver a análise, a reflexão, associar nossos conteúdos com o atual, com outras ciências, com o mundo ‘lá fora”.

Nas respostas de outro aluno aparece: “por mais que tenham sido usados esses recursos, o uso dos livros e a explicação sempre foram mais presentes, e é isso que importa um bom ensinamento com recursos para ‘prender’ a atenção”. É justamente, esse “prender a atenção” que pode ser feito com uso de linguagens e recursos didáticos apropriados e diversificados, já que os alunos aprendem de forma diferenciada e quando interessa. “É importante esclarecer que os recursos são construídos pela dinâmica que se imprime na produção do saber escolar não existindo recurso por excelência” (SILVA, 2004, p. 68).

Quanto aos alunos que afirmaram que aprendem Geografia com o auxílio das linguagens alternativas discutidas nessa pesquisa, as respostas foram: “nem sempre a melhor forma de ensinar é só ler e explicar. Utilizando métodos diferentes, aprendemos e as aulas se tornam mais legais”. Outra aluna disse: “é mais interessante o professor passar Tv/vídeo, fotografia etc., pois a aula fica mais interessante e mais prazerosa” e, outro afirma: “devido a ser algo diferente, os alunos, têm curiosidade em aprender”. Nesta resposta surgiu a palavra “curiosidade”, a qual é uma característica muito importante, tanto para quem quer aprender, quanto para quem quer ensinar. A curiosidade leva os alunos e professores à busca constante pelo desconhecido, o desejo de conhecer e aprender, por isso os professores precisam despertar isso nos alunos. Kaercher (1998, p. 137) escreve:

Cabe a nós incentivar para que floresçam e desencadeiem-se novos pontos de interrogação. A partir deles, o aluno poderá criar uma maior autonomia do pensar e, o que é mais importante, um pensar menos preconceituoso e com menos certezas imutáveis. Estar mais aberto ao novo e ao outro.

Outra aluna responde que aprende Geografia com o auxílio dessas linguagens alternativas, “porque a aula é diferente e bem divertida. Porque é chato todo dia a mesma coisa, ou seja, todo dia sala, sala, sala é chato. E também aprendemos mais porque a aula de Geografia fica mais interessante”, ou seja, desenvolvemos interesse pelo que nos é prazeroso. Nesse sentido, concordamos com Assmann (1998, p. 29):
Precisamos reintroduzir na escola o princípio de que toda a morfogênese do conhecimento tem algo a ver com a

experiência do prazer. Quando esta dimensão está ausente, a aprendizagem vira um processo meramente instrucional.

Algumas considerações finais

A discussão sobre as dificuldades que envolvem a questão do ensino-aprendizagem e, em nosso caso, o ensino-aprendizagem de Geografia, amplia-se e diversifica-se entre os estudiosos que buscam compreender esse problema e tentam buscar alternativas que ao menos minimizem os seus efeitos sobre a educação.

Reforçamos a urgência e a necessidade dos professores da área de Geografia buscarem metodologias que levem os alunos a compreenderem melhor o espaço no qual estão inseridos, a fim de transformar conteúdos em conhecimento, tornando-se mais críticos e conhecedores da realidade que os cercam.

Mas, ao contrário do que se escreve, em nossa pesquisa constatamos que as linguagens alternativas: TV/vídeo, música, teatro/dramatização, charge/cartum/histórias em quadrinhos e fotografia- ainda são utilizadas de forma esporádica nas turmas de 2º ano do Ensino Médio da escola pesquisada, mesmo que esses alunos achem interessante seu uso nas aulas de Geografia e que aprendem melhor com o auxílio dessas linguagens.

Se tais linguagens fossem utilizadas de forma planejada e com objetivos definidos tornariam as aulas mais interessantes, divertidas, dinâmicas e, como consequência os alunos mais participativos e integrados ao processo de ensino-aprendizagem. Esse é o pensamento da professora das turmas pesquisadas, pois segundo ela, os alunos se interessariam mais pelas aulas e pela disciplina de Geografia.

Entendemos que cada linguagem possui suas especificidades, não sendo excludentes no processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, devem se articular, complementar e se relacionar de forma a facilitar o processo de ensino-aprendizagem, para que os alunos de Geografia compreendam as diversas realidades que lhes são reveladas nas aulas de Geografia.

Referências

ASSMAN, Hugo. Reencantar a educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 241 p.

BÉRTOLO, José. Funções Educativas e Científicas do Filme Documentário na Representação de Realidades Espaciais. *Inforgéo*, 16/17, Lisboa, Edições Colibri, 2001/02, p. 167-174. disponível em: <http://www.apgeo.pt/files/section44/1227097371_Inforgéo_16_17_p171a178.pdf> Acesso em: 15 ago. 2009.

BOMFIM, Natanael Reis. A imagem da Geografia e do ensino da Geografia pelos professores das séries iniciais. *Revista Estudos Geográficos*. Rio Claro, junho 2006. p. 107-116. Disponível em: <<http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/estgeo/article/view/210/176>>

Acesso: em 10 abr. 2009.

CAVALCANTE, Márcio Balbino. No escurinho da classe - o filme como recurso didático na escola. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entriD=1100>>. Acesso em: 17 ago. 2009.

COSTA, Franklin Roberto da. O ensino da geografia através do cancionário potiguar. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13, 2002, João Pessoa. Anais... João Pessoa, 2002.

KAERCHER, Nestor André. Desafios e utopias no ensino de Geografia. 2. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998. 146 p.

KAERCHER, Nestor André. Desafios e utopias no ensino de Geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. et. al. (org.). Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 173-186.

LARA, Tiago Adão. A escola que não tive... O professor que não fui... 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 266 p.

MORAN, J. M. Caminhos para a aprendizagem inovadora In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica, 12. ed. São Paulo: Papirus, 2006. p. 22-24.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de. et. al. A Música como um recurso alternativo nas práticas educativas em Geografia: algumas reflexões. Caminhos de Geografia. Jun. 2005. p. 73-81. Disponível em: <http://www.ig.ufrgs.br/revista/volume15/artigo8_vol15.pdf> . Acesso em: 20 ago. 2009.

PINHEIRO, Elen Affonso. et. al. O Nordeste Brasileiro nas Músicas de Luiz Gonzaga. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v. 14, n. 23, p. 103-111, 2º sem. 2004. Disponível em: <http://www2.pucminas.br/documentos/geografia_23_art06.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2009.

PUNTEL, Geovane Aparecida. Os mistérios de ensinar e aprender Geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos.; KAERCHER, Nestor André.; REGO, Nelson. Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 89-102.

SILVA, Eunice Isaias da. Charge, Cartum e Quadrinhos: linguagem alternativa no ensino de geografia. Revista Solta a Voz. V. 18, n° 1, 2007. Disponível em: <<http://revistas.ufg.br/index.php/sv/article/view/2512/2482>>. acessado em: 15 ago. 2009.

SILVA, Onildo Araújo da. Geografia: Metodologia e Técnicas de Ensino. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2004. 94 p.

STRAFORINI, Rafael. Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, 2004. 188 p.

TORRES, Marcos Alberto. O uso da dramatização para o ensino de História e Geografia de 1ª. a 4ª. Série. Na sala de aula. 2007. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/revista/0307/pdf/Na_sala_de_aula.pdf> Acesso em: 20 ago. 2009.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. A fotografia como instrumento de auxílio no ensino da Geografia. Revista de Biologia e Ciências da Terra. V. 1, n° 2, 2001. Disponível em: <<http://eduep.uepb.edu.br/rbct/sumarios/pdf/fotografia.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2009.

VESENTINI, José William. A questão do livro didático no ensino da Geografia. In: VESENTINI, José William (org.). Geografia e Ensino: textos críticos. Campinas: Papirus, 2005. p. 161-180.